

12º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2021

Leitura e análise crítica da obra “A Elite do Atraso” de Jessé Souza para compreensão do Brasil contemporâneo

VITÓRIA MARIA BARRETO BARCA¹, JÚLIO CÉSAR ZANDONADI²

¹ Estudante de Ensino Médio Integrado ao Técnico em Eventos, Bolsista de Extensão, IFSP, Cubatão, vitoriamariabarretoarca@gmail.com

² Doutor em Geografia, professor EBTT, IFSP, Cubatão, juliocesarzandonadi@ifsp.edu.br
Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.06.01.00-3 Geografia Humana

RESUMO: O presente trabalho consiste em uma análise crítica da obra “A Elite do Atraso” do sociólogo Jessé Souza, publicada inicialmente em 2017 quando o Brasil estava em uma conjuntura de transição política-econômica de social-democracia para uma política neoliberal, com a destituição da presidenta Dilma Rousseff do Partido dos Trabalhadores (PT) e condução de Michel Temer (PMDB), posteriormente, em 2019, a obra foi reeditada, após o período de intensa atuação judiciária-midiático entre o juiz Sérgio Moro e a emissora de televisão Rede Globo para prisão do ex-presidente Lula e ascensão de Jair Bolsonaro ao poder federal. Este trabalho visa analisar os pontos mais relevantes levantados na obra — que a propósito, são de extrema necessidade para a compreensão do Brasil contemporâneo — explorar não apenas os avanços e as contribuições do autor para o meio acadêmico e entendimento da formação socioespacial brasileira, mas também apontar suas limitações e contradições.

PALAVRAS-CHAVE: A Elite do Atraso; Formação Socioespacial; Brasil; Análise Crítica.

READING AND CRITICAL ANALYSIS OF THE WORK “A ELITE DO ATRASO” BY JESSÉ SOUZA TO A COMPREHENSION OF CONTEMPORARY BRAZIL

ABSTRACT: The present work consists of a critical analysis of the work “A Elite do Atraso” of sociology Jessé Souza, initially published in 2017 when Brazil was in a political-economic transition conjuncture of social democracy to a neoliberal policy, with a Dilma Rousseff president’s dismissal from Worker’s Party (PT) to Michel Temer’s (PMDB) conduction, posteriorly, in 2019, the work was republished, after the period of intense judiciary-media operation between the judge Sérgio Moro and the television network Rede Globo to the arrest of former president Lula and Jair Bolsonaro’s ascension to federal power. This work aims to analyze the more relevant points raised in the work — that by the way, they are of extreme necessity to a comprehension of contemporary Brazil — explore not only the author’s advances and the contributions to the academic community and understanding of the Brazilian social-spatial formation, but also to point his limitations and contradictions.

KEYWORDS: A Elite do Atraso; Social-Spatial Formation; Brazil; Critical Analysis.

INTRODUÇÃO

Embora o país possua uma grande variedade de intelectuais que se propuseram a fazer uma análise da formação socioespacial brasileira, o discurso que persiste em meio ao senso comum está longe de abranger essas contribuições, pelo contrário, o que norteia o pensamento do brasileiro é a ideologia de classes dominantes, que por uma questão de interesses próprios, com viés capitalista, não propõe um debate crítico dos verdadeiros problemas e contradições da sociedade brasileira. É nesse sentido que o sociólogo Jessé Souza constrói sua tese e obra “A Elite do Atraso”.

O Brasil, como formação socioespacial, isto é, como território e nação, carrega em suas raízes problemas estruturais presentes desde o período colonial, e que agora estão intensificados com os valores neoliberais. A escravidão, ponto central em que o autor vai se basear na obra, é vista, ainda que no meio escolar e em diversos âmbitos, como um simples acontecimento histórico. O problema desta linha de raciocínio é que a grande massa da sociedade não compreende a permanência do racismo estrutural, relacionado ao passado escravista. Isso decorre de pensamentos teóricos que legitimam as ações da “elite do atraso”, entre os autores desses pensamentos, Jessé critica, de modo contundente, especificamente Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Gilberto Freyre.

Ao longo da leitura conjunta da obra, percebemos que os problemas levantados pelo autor, tais como o racismo, a desigualdade social, a miséria, o individualismo, a corrupção de grandes corporações, a ineficiência do projeto escolar, entre outros, são singulares de um sistema: o modo de produção capitalista. Ademais, se considerarmos a globalização em que vivemos e a posição geográfica do Brasil diante a um mundo globalizado, vemos ser de urgência a necessidade de um projeto político de revisão histórica e construção de nação através de um debate científico abrangente e coletivo.

MATERIAL E MÉTODOS

Este trabalho se fundamenta, de maneira geral, a partir do objetivo da bolsa de extensão “Leituras Contemporâneas do Brasil” concedida pela instituição de ensino dos autores deste presente trabalho para a criação de um Curso de extensão baseado na obra “A Elite do Atraso” de Jessé Souza, contudo através de debates em conjunto entre orientanda e orientador, caminhamos a crítica científica da obra, apontando seus avanços e limitações.

O conteúdo discutido e analisado gerou produções escritas, tal como a resenha para o Jornal do GRAMSCHE, como também pesquisas de outras obras e autores – como Darcy Ribeiro, Silvio Almeida e Milton Santos — com o intuito de aprofundar os temas trabalhados por Jessé Souza em sua obra.

Foram realizadas reuniões quinzenais para a discussão do livro “A Elite do Atraso” e mensais, ainda que em desenvolvimento, para análise de leituras complementares de textos que auxiliam no objetivo geral desta pesquisa.

Com a abrangência de materiais coletados, e do conhecimento prévio acerca do assunto, conseguimos produzir uma análise não apenas crítica, mas também reflexiva, considerando a relevância dos eixos trabalhados por Jessé Souza em “A Elite do Atraso”.

Diante disso, entendemos que é preciso que o conhecimento seja disseminado. Portanto, a próxima etapa é concluir essa fase de pesquisa e estudo, organizar as ideias e o material coletado, para então realizar o curso “Brasil: Formações Socioespaciais – Uma leitura a partir da obra “A Elite do Atraso” de Jessé Souza”, mas também divulgar os avanços analíticos que a leitura crítica da obra e a ampliação de pesquisas bibliográficas proporcionou e organizar de modo a apresentar através de linguagem científica em eventos científicos e periódicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O autor Jessé Souza inicia a obra “A Elite do Atraso” com uma crítica à crise de ideias que assola o Brasil todo, onde ele disserta sobre a interpretação dominante que esconde os reais efeitos da corrupção real, realizada pela elite brasileira, a qual se apropria do Aparelho Estatal para realizar o roubo da riqueza produzida socialmente. Não obstante, o Estado fica como o grande e único corrupto da sociedade brasileira. Sabendo haver uma relação de dominação entre ambos, que não deve ser ignorada em nossas análises, já que os grandes meios de comunicação afirmam exatamente o contrário para moldar o pensamento brasileiro.

Segundo o autor, não apenas a corrupção real é distorcida pelos grandes aparelhos ideológicos, mas também a realidade brasileira, por consequência, essa distorção influencia na negação da escravidão. Jessé responsabiliza os grandes intelectuais brasileiros que criaram e moldaram esse

pensamento dominante, tais como Sérgio Buarque de Holanda, que ignora a hierarquia social quando afirma a existência do “jeitinho brasileiro”, na obra *Raízes do Brasil*, e Gilberto Freyre com as obras *Casa Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, o qual faz, não apenas uma análise racista da situação dos negros, como ainda reforça a ideia do Estado como único corrupto, devido a uma suposta herança de Portugal. Tais obras e interpretações além de favorecer “a elite do atraso”, pois a legítima, há ainda um desentendimento do maior mal do Brasil — a escravidão — lembrada pelo nome, mas não entendida da forma que deveria. Em relação a isso, Jessé afirma que:

A diferença entre nome e conceito é o que separa o senso comum da ciência. Pode-se falar da escravidão e depois tirar da consciência todos os efeitos reais e fazer de conta que somos continuação de uma sociedade escravista. É como tornar secundário e invisível o que é principal e construir uma fantasia que servirá maravilhosamente não para conhecer o país e seus conflitos reais, mas sim para reproduzir todo tipo de privilégio escravista [...] (SOUZA, 2019, p. 42).

Ao analisar as classes sociais, Jessé Souza usa o termo “ralé brasileira” para se referir aos que pertencem à camada mais desfavorecida da sociedade, se referindo aos negros livres, mulatos e mestiços. Assim como afirma a geógrafa Sposito (2004), “[...] espaço é história e nesta perspectiva, a cidade hoje, é o resultado cumulativo de todas as outras cidades de antes, [...] produzidas pelas transformações”, ou seja, a falta de planejamento urbano coletivo no pós-abolição, a falta de assistência para integração e a ausência de profissionalização levou essa “ralé brasileira” à situação, ainda atual, de precarização do trabalho em um contexto neoliberal, com moradias em favelas e periferias pobres, alvos da violência armada do Estado e do racismo estrutural presente em todos os âmbitos e dimensões da sociedade brasileira. É devido a tais fatores que Jessé Souza enfatiza que a existência dessa classe abandonada explica a situação social, política e econômica do Brasil, destacando que:

Para o negro, sem a oportunidade de competir com chances reais na nova ordem, restavam os interstícios do sistema social: a escória proletária, o ócio dissimulado ou a criminalidade fortuita ou permanente [...]. Ao perderem a posição de principal agente do trabalho, os negros perderam também qualquer possibilidade de classificação social. [...] O negro torna-se vítima de violência mais covarde. Tendo sido animalizado como “tração muscular” em serviços pesados e estigmatizado como trabalhador manual desqualificado [...] (SOUZA, 2019, p. 82).

Na obra, o autor também faz uma análise das classes sociais do Brasil Moderno, observando as relações de exploração e dominação entre elas. A “elite do atraso” mantém a “ralé brasileira” em suas condições de precariedade com extrema perversidade, típica do modo de produção capitalista, enquanto usa de seu capital e de seus aparelhos ideológicos, como a mídia, para colonizar a consciência da classe média, com o intuito de fazer com que esta classe, sendo meritocrática por falência, mantenha o pensamento elitista e o ódio à ralé brasileira. Como prova desse mecanismo de dominação, Jessé reforça que “[...] a matança dos pobres que herdaram a maldição do ódio devotado aos escravos comove pouco dentre os privilegiados” (SOUZA, 2019, p. 107), ou seja, o projeto político da classe dominante capitalista segue firme e concreto na realidade brasileira.

“A elite do atraso” mantém não só as classes a seu domínio, como também o próprio Estado com o intuito de fazer o esquema do capitalismo financeiro, isto é, a apreensão das riquezas sociais. Para tal, Jessé Souza, através de estudos empíricos, explica que a criação de uma imprensa manipuladora, que não produz conhecimento, existe apenas para distorcer informações e moldar o pensamento brasileiro à vontade da elite. É por este motivo, portanto, que os termos *patrimonialismo* e *populismo* foram incorporados pelas principais instituições. Jessé Souza dá exemplos concretos de como isso é feito na prática, tais como: a mídia demonizou o termo populista para se referir principalmente ao ex-presidente Lula, o qual foi preso injustamente pela Lava Jato com forte apoio da mídia brasileira, possibilitando, posteriormente, a ascensão de Jair Bolsonaro.

Tais descobertas motivam a investigação sobre a “ralé brasileira”, uma classe que surgiu no pós-abolição, mas que continua sendo base da exploração capitalista que os mantém nesta posição de miséria, exploração, precariedade e violência. Consideramos uma limitação da obra e análise de Jessé Souza, ignorar o fator econômico como principal agente na sociedade, pois é justamente pelo viés

capitalista, visando a maximização do lucro, que essa classe se mantém intacta, ou melhor dizendo, ainda mais desfavorecida, principalmente na conjuntura política neoliberal atual.

Diante de tais aspectos, observa-se que a obra é densa de conteúdo. É notório, portanto, que há a necessidade de realizar novas leituras, não apenas para aprofundar, mas também para comparar ideias, visto que Jessé Souza ignora alguns intelectuais, — como o Darcy Ribeiro, Caio Prado Jr., Celso Furtado — e critica outros — como Florestan Fernandes, sem aprofundamento na obra do autor. Darcy Ribeiro, por exemplo, analisa a relação dessa classe, que o Jessé nomeou como “ralé brasileira”, com a classe dominante — essa que possui todo capital. Ele explica que:

A nação brasileira, comandada por gente dessa mentalidade [classes dominantes], nunca fez nada pela massa negra que a construíra. Negou-lhe a posse de qualquer pedaço de terra para viver e cultivar, de escolas em que pudesse educar seus filhos, e de qualquer ordem de assistência. Só lhes deu, sobejamente, discriminação e repressão. [...] elas [as favelas] vêm se multiplicando, como solução que o pobre encontra para morar e conviver. Sempre debaixo da permanente ameaça de serem erradicados e expulsos (RIBEIRO, 2015, p. 167).

Esse modo de viver se torna ainda pior se considerarmos aquilo que o Jessé Souza explica sobre o ódio ao populismo e às políticas públicas. Por exemplo, os presidentes Lula e Getúlio Vargas foram erradicados pela mídia por tentarem diminuir as distâncias sociais entre as classes.

Como conclusões, primeiramente, pode-se prever que, para existir uma democracia racial, é necessária uma democracia social, onde não haja concentração de riqueza, e, que todos possam ter uma educação pública e de qualidade. Para, posteriormente, pensarmos em uma sociedade igualitária sem divisão de classe social. Mas, antes:

[...] enquanto não alcançarmos esse objetivo, não teremos uma democracia racial e tampouco uma democracia. Por um paradoxo da história, o negro converteu-se, em nossa era, na pedra de toque da nossa capacidade de forjar nos trópicos esse suporte da civilização moderna (FERNANDES, 2008 apud RIBEIRO, 2015, p. 177).

O resultado previsto mostra a possibilidade de rediscutir o sistema educacional, pois, como afirma Paulo Freire, “Seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvam uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica.” E assim, alcançando o debate amplo, com mentes críticas, que saibam, por exemplo, o conceito de escravidão e suas consequências, poderíamos pensar em uma nova globalização (referência a Milton Santos), e, além disso, questionar o próprio sistema em que vivemos.

CONCLUSÕES

Além de estarmos alcançando os objetivos iniciais, acredito que conseguimos ir além com todo o conhecimento adquirido e produzido ao longo da construção de um projeto de extensão, que também resultou em análise crítica e científica. A obra “A Elite do Atraso” é rica em conteúdos necessários e urgentes, que precisam ser trabalhados no meio social.

A partir da leitura da obra, é possível ter uma conclusão prévia sobre alguns aspectos, entre eles a necessidade de repensar as instituições brasileiras dominadas pela elite, principalmente ao se referir a escola, a mídia e a igreja. E, principalmente, repensar o modo de produção vigente, porque essa “elite do atraso” continuará agindo do mesmo modo, pois está na essência do modo de produção capitalista, é um tanto impossível pensar em melhoria para as classes abandonadas em um sistema que funciona à base da exploração e da miséria, principalmente a parcela negra da população, afinal são elas que sentem as consequências da escravidão com toda veracidade.

Devemos estudar para além do que é estabelecido, para além do que a escola nos permite, conhecimento é tudo que podemos ter como classe trabalhadora. Além disso, como afirma Antônio Gramsci, “quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão, e partidário”, é necessário, por mais difícil que seja, sobreviver neste sistema para mudá-lo, para isso, ter a consciência do contexto no qual vivemos é imprescindível, somos seres políticos, então sejamos partidários e diferentes, porque é a neutralidade e a indiferença que nos faz continuar aceitando a realidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu orientador, coordenador deste projeto, por todo apoio e conhecimento que tem compartilhado comigo desde o início; às bolsistas de iniciação científica e de ensino, pelas contribuições e participação nas reuniões mensais e à minha instituição de ensino pela oportunidade de realizar a Bolsa de Extensão e a análise científica.

REFERÊNCIAS

- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. São Paulo: Global Editora, 2003.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil / Darcy Ribeiro*. – 3. Ed. – São Paulo : Global, 2015.
- SOUZA, Jessé. *A Elite do Atraso: Da Escravidão à Bolsonaro*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.
- SPOSITO, MARIA ENCARNÇÃO B. *Capitalismo e Urbanização*. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.